

Influência Helenística no Livro da Sabedoria ¹

É sabido que as conquistas de Alexandre espalharam pelo mundo mediterrânico um tipo de civilização a que se dá o nome de Helenismo. O êxito cultural das campanhas militares do antigo discípulo de Aristóteles excedeu largamente os limites da sua epopeia bélica, já que ultrapassou os limites dos territórios ocupados, chegando até Roma, e sobretudo porque sobreviveu alguns séculos ao meteoro que foi a vida do filho de Filipe. Admirador da cultura grega, o Imperador sentia-se predestinado a reunir sob o seu ceptro todos os povos para lhes inculcir o ideal helénico do homem. Este ideal foi também acalentado pelos generais que repartiram entre si o império, mormente os que formaram as dinastias dos Lágidas e Ptolomeus no Egipto, e dos Epifânios e Antíocos na Síria, que fizeram respectivamente de Alexandria e Antioquia dois grandes focos do Helenismo.

O Helenismo constava essencialmente dum teor de vida e dum cultura que desde o início pôde dispor dum língua comum. Cultura e teor de vida aprendiam-se nas mesmas escolas, abertas nas principais cidades e nas quais se seguia um método educacional característico, a *Paideia*. Por isso o homem grego se orgulhava de ser um πεπαιδουμενος ².

A língua, essa era a κοινή διαλεκτος que impusera o jónico-ático à fragmentação de dialectos gregos, levando, porém, a cabo uma

¹ A epígrafe traduz o título da obra de REUSE, James M. - *Hellenistic Influence of the Book of Wisdom*, que nos serviu de ajuda na redacção destas notas. O vocabulário grego foi transcrito por computador, o que explica algumas faltas de ortografia, facilmente supridas por algum conhecimento da língua original.

² Páginas elucidativas sobre a educação helenística podem ler-se em FESTUGIÈRE-FABRE - *Il Mondo Greco-Romano al tempo di Gesù Cristo*. Vol. 2. Torino, 1955. [Cap. IV].

simplificação cuja tendência vinha de longe. Não é nossa intenção analisar aqui até onde se estendeu essa obra de regularização. Baste-nos recordar a supressão do dual, a substituição dos verbos em *mi* por outros contractos em omega, a redução de temas na flexão nominal e a permuta de partículas afins³.

A invasão do Helenismo foi em geral bem aceite pelos povos conquistados, que assimilaram rapidamente uma cultura muito superior à sua. Israel, porém, ofereceu à infiltração dos costumes gregos uma resistência que atingiu foros de epopeia⁴. Com esta posição intransigente pôde, no entanto, sem dificuldade e até com alvoroço aceitar a ideia de traduzir para grego os Livros sagrados de Israel, tarefa realizada em Alexandria a partir do séc. III antes de Cristo⁵. Esta versão, conhecida por Versão Alexandrina ou dos Setenta, constitui, sem dúvida, um dos maiores, se não o maior monumento literário da língua helenística. Até porque não se trata apenas duma versão: há livros escritos originalmente em grego por escribas nados e criados na grande metrópole que de Alexandre tirou o nome. Deles o mais curioso é certamente a σοφία Σαλωμῶνος ou Livro da Sabedoria, obra do século segundo ou primeiro AC, distribuído em dezanove capítulos de extensão média. O seu tema é a excelência da sabedoria hebraica relativamente à sabedoria grega, como aliás a dos outros livros sagrados⁶.

Mas, se a sua finalidade era a mesma — defender a juventude israelita na diáspora do brilho fascinante do Helenismo⁷ — o Livro da

³ Sobre o assunto, informações interessantes em MOULTON, J. H. - *A Grammar of New Testament Greek I*. 3ª ed. 1908. Cap. II: History of the common greek (p. 22-41). Sobre a insegurança das partículas afins, tais como eis e en e seu reflexo no Novo Testamento, leia-se com proveito ZERWICK, M. - *Graecitas biblica*. 3ª ed. Roma, 1955, p. 24-32.

⁴ É a epopeia dos Macabeus, que se insurgiram contra a introdução em Jerusalém como pretendia o partido da Síria, de γυμνάσιον και εφηβίαν παλαιστρα ... χορηγία μετα τῆν τοῦ διαχοῦ πρόκλησιν (2 Mc. 4, 9-14).

⁵ A notícia, com ressaibos de lenda, vem na Carta de Aristeias, transcrita por FLÁVIO, José - *Opera Omnia*. Vol. 2. Amsterdão, 1976, p. 585-596. Há uma tradução inglesa em CHARLES, R. H. - *The Apocrypha and Pseudepigrapha*. 3ª ed. Vol. 2. Oxford, 1969, p. 83-122. A parte mais significativa pode ler-se no nosso Clássico USQUE, S. - *Consolação às Tribulações de Israel*. Diálogo II. Coimbra, 1906, p. 6 e ss.

⁶ O género sapiencial tem raízes muito antigas na literatura bíblica. Numa primeira fase inspirava-se na experiência e considerava a sabedoria a arte do bom desempenho das funções de cada um, no que se aproximava da primitiva noção grega de σοφία (cfr. PEREIRA, M. H. da Rocha - *Estudos de História da Cultura Clássica*. 3ª ed. Vol. 1. Lisboa, 1970, p. 182 e ss). Com o andar dos tempos veio inserir-se na concepção teológico-profética do povo hebreu.

⁷ «As a practical religious teacher, the Sage was moved to write by the treath to faith to which jewish students in Alexandria were exposed» (REESE - *Hellenistic Influence*, p. 154).

Sabedoria inaugurou um método perfeitamente original, qual foi o de aproveitar a cultura grega, mormente a filosofia, para nela vasar a doutrina hebraica. Deste modo, a influência helenística serviu para esclarecer muitos passos da teologia de Israel, sem que adulterasse a sua natureza singular.

Vamos analisar a presença da cultura grega no Livro da Sabedoria em dois campos: o vocabulário e a filosofia.

I. O vocabulário

O uso da língua grega oferecia aos autores hebreus a vantagem dum léxico abundante, adaptado à expressão de aspectos humanísticos, de que a língua hebraica era pobre. E assim um pequeno livro pôde usar cerca de sete mil palavras, vinte por cento das quais não se encontram em qualquer outro livro sagrado. Este vocabulário estende-se a vários domínios que exemplificamos resumidamente.

1. Vocabulário religioso:

- a) A Sabedoria é ἀμάραντος (imarcescível: 6, 12);
- b) ἀπόρροια - (emanação), frequente nos escritos estoicos (7, 26);
- c) ἀπαύγασμα - (revérbero, irradiação), frequente na terminologia religiosa do Egipto (*ibid.*);
- d) πάρεδρος - atributo da sabedoria, assistente ao trono de Deus e que se encontra na aretologia de Íris (9, 4);
- e) Εὐχάρισ - que se aplica à sedução dos ídolos e era uma qualidade de Afrodite (14, 20);
- f) προνοια - (Providência) e que se encontra num hino a Zeus (14, 3);
- g) νοουθεσία - (admoestação), popular no baixo grego (16, 6).

2. Vocabulário filosófico:

a) O passo mais significativo encontra-se em Sab. 7, 22-24, em que se enumeram as qualidades do espírito de Sabedoria. O espírito que está na Sabedoria é νοερον (inteligente), ἀκόλυτον (uno), ευκινητον (móvel), πολυμερης (multiforme), e ainda outros atributos frequentes em Platão e Aristóteles.

b) σίστασις (disposição: 7, 17), aplicado à constituição do mundo, aparece em Platão.

c) Na frase «a imortalidade está na familiaridade com a sabedoria»: *αθανασία εν συγγενεια σοφιας* aparece em dativo um vocábulo que teve uma longa história no desenvolvimento da filosofia grega: *συγγενεια*.

3. Vocabulário ético:

Nos vv. 25-26 do cap. 14, há uma lista de vícios cujos nomes se podem ler em vários escritores gregos com a mesma aceção: *απιστια* (infidelidade, na tragédia e em Xenofonte); *ασελγεια* (amores dissolutos, frequente em Políbio); *φυχῆσ μιάσμοσ* (contaminação da alma) que aparece na República de Platão.

4. Vocabulário psicológico:

a) Sab. 17, 14 fala dum temor *απορδοκτητοσ*, vocábulo que em Políbio aparece em relação com o medo paralisador de toda a actividade;

b) No mesmo lugar, o termo *φαντασια*, próprio da psicologia epicurista;

c) 17, 15 continua a descrição paralisante do medo, como em Eurípedes e nos historiadores, *εισ την ασιδηρον ειρκτον* (preso num cárcere sem ferros).

5. Vocabulário filosófico:

O vocabulário filosófico aparece em relação com duas escolas filosóficas muito conhecidas, o epicurismo e estoicismo.

O Sábio verbera nos primeiros dez versículos do cap. segundo o epicurismo sensualista em que alguns discípulos transformaram a filosofia moral de Epicuro⁸. Estes fazem parte dos «ímpios» que negam a imortalidade e só procuram na vida o prazer, «princípio e fim da vida feliz». Com efeito, o Sábio mostra conhecer a teoria.

Se ὀλιγοσ ἐστι καὶ λυπηρόσ ὁ βίωσ ἡμῶν (a nossa vida é breve e triste 2,1); *se καπρόσ ἢ πνοῆ ἐν ῥίσιν ἡμῶν* (a respiração é fumo em nosso nariz - 2, 2); *se πνεῦμα διαχοθήσεται ὡσ χατνας ἀῆρ* (o espírito se dissipará como leve nuvem - 2, 3); e *se οὐκ ἐστὶν ἀναπόδισμοσ τῆσ τελευτῆσ ἡμῶν* (não há retorno para o nosso fim - 2, 5); então *ἀπολαύσομεν τῶν ὄντων ἄγατῶν* (gozemos dos bens

⁸ São muitos escassos os dados que remontam a Epicuro. Foi à base das informações de Diógenes Laércio e de Lucrécio que se reconstituiu o seu sistema.

presentes - 2, 6); e *δινου πολυτελῶσ καὶ μυρῶν πλήσθωνεν* (embriaguemo-nos de vinho excelente e de perfumes - 2, 6-7).

E o Sábio continua com uma ostentação vocabular, capaz de fazer inveja ao romano Horácio do *carpe diem*.

A antipatia do Sábio pelo epicurismo converte-se em admiração e simpatia pelos filósofos da *Stoa*. Vejamos como enumera as virtudes cardiais entre os bens que a sabedoria dá, as quais aparecem em todos os catálogos estoicos, embora nem sempre segundo a mesma ordem: *δικαιοσυνην* (justiça), *σωφρυσυνην* (temperança), *φρονεσιν* (prudência), *ανδπιαν* (fortaleza) cf. Sab. 8, 7.

Todas elas são objecto do magistério da Sabedoria, que procura a perfeição humana e que se exprime antes em termos de antropologia helenística do que em termos de tradição bíblica⁹. De igual modo, o homem justo é apresentado de harmonia com os tratados sobre a realeza. Mas o Sábio personifica esta realeza ideal, que se desenvolveu no mundo helenístico sobretudo durante a época imperial, no rei Salomão, que por sua vez é o símbolo dos verdadeiros discípulos da Sabedoria. Este é um traço característico da antropologia do Sábio que usa mais de trinta vezes o termo *ανθρωτοσ*, uma antropologia de altura, que aproxima de Deus.

Como ensina a curiosa sorites¹⁰, a sabedoria começa no desejo da *παιδεια* e acaba na posse dum reino perpétuo, depois de passar pelo amor *αγαπη*, observância das suas leis *τηρησισ νομων*, garantia da imortalidade, que faz estar junto de Deus *βεβαιωσισ αφθαρσιασ* re-matando com a sentença: logo o amor da Sabedoria conduz ao reino *επιθυμια αρα σοφιασ αναγει επι βασιλειον* (6, 18-19).

Outro processo de arguir, também característico do estoicismo, era a *diatribe*¹¹, de que a Sabedoria nos dá um claro exemplo em 13, 1-9.

O autor sagrado declara peremptoriamente loucos os homens incapazes de subir da visão do mundo ao seu Criador *εκ των ορωμενων ουκ ισχυρον ειδεναι τον οντα* (13, 1). Nem considerando a beleza das coisas, foram capazes de concluir pela maior beleza daquele que

⁹ O esquema das 4 virtudes encontra-se nos *Mirabilia* de Xenofonte, a propósito da escolha de Heracles.

¹⁰ Sorites, do gr. *σωρείτης λόγοσ*, argumento constituído por uma acumulação de premissas, das quais a segunda deve explicar o atributo da primeira e assim sucessivamente (cf. *VOCABULAIRE Technique et Critique de la Philosophie*. Paris: PUF, 1968, sub voce).

¹¹ Diatribe, segundo a Enciclopédia Logos, é uma maneira popular de tratar um assunto filosofico-moral, usado pelos Gregos e Romanos.

as criou: ο τον χαλλουσ γερεσιαρχοσ εκτισαν τα οντα. Quando, afinal, na grandeza e poder das coisas se pode conhecer, por analogia, o seu autor: 'ναλολῶσ ο γενεσιουργὸσ αὐτῶν θεωρεῖται.

Eis o conhecido argumento aristotélico para provar a existência de Deus, a subida do efeito para a causa, o argumento da causalidade.

Mas os pagãos não conhecem a Deus (ou não o adoram...), embora o tenham procurado. Esta circunstância dum procura sem êxito é o momento preciso em que uma personagem imaginária intervém a defendê-los. A intervenção, porém, não impressiona o Sábio, que urge: Se tanto puderam saber a respeito do mundo, como não encontraram mais facilmente o Senhor dele? δεσποτην πως ταχιον ουκ ευρον.

Do que fica exposto, e é apenas uma amostra, poderíamos ser levados a concluir que o autor do Livro da Sabedoria teve acesso à literatura filosófica de seu tempo, e que, apesar da sua condição de judeu firmemente ortodoxo, dela terá forrageado sem escrúpulo quantidade apreciável de vocábulos e conceitos. No entanto, a conclusão não é tão segura como à primeira vista parecerá. O ambiente muito culto de Alexandria poderá explicar estas afinidades, tendo o mestre judeu bebido na cultura que andava no ar o suficiente para dar uma cor helenística ao seu livro¹². É que não se encontram citações textuais de autores gregos.

Existe, no entanto, uma excepção, ou parece existir: Sab. 11,21 traz uma sentença relativa à Providência, que se lê pelas mesmas palavras nas *Leis* de Platão: VI.757b: a Providência tudo dispõe com medida, conta e peso: μετρω και αριθμω και σταθμα.

A frase faz lembrar um provérbio que passaria de boca em boca, pelo que, só hesitando, se poderá tomar à conta de argumento a favor dum informação directa nos autores gregos por parte do autor do Livro da Sabedoria. Se conheceu Platão, deveria ter conhecido outros autores mais vizinhos do seu tempo, o que não se demonstra¹³.

De um modo ou doutro, o que leu ou ouviu serviu-lhe para comunicar ao pensamento hebraico uma clareza a que não estava habituado, e grangeou-lhe a glória de ser o primeiro autor hebreu a vasar a teologia de seus profetas e sábios numa linguagem verdadeiramente universal.

J. MENDES CASTRO

¹² Uma breve referência sobre o prestígio literário de Alexandria pode ler-se em LAURAND-LAURAS - *Manuel des Études Grecques et Latines*. 14ª ed. Vol. 1. Paris, 1967, p. 345.

¹³ Cf. *Biblica*. 1968 (49) p. 54-86.

A Anunciação a Maria: um relato de José? Contributos para o estudo das fontes de Lc. 1, 26-38a

Num trabalho anterior apresentámos o nosso desejo de estudar a família à luz dos ensinamentos bíblicos, e, mais concretamente, à luz daquilo que se nos diz sobre a Família a que o Senhor Jesus quis estar sujeito¹. Este estudo deve basear-se, em primeiro lugar, sobre textos que mais directamente se referem à Sagrada Família e que constituem os chamados «Evangelhos da Infância», embora esta seja uma designação bastante imprópria.

No trabalho a que já fizemos referência pretendeu-se analisar a família desde o lado masculino, através do estudo do repúdio de Maria por parte do José. No presente trabalho, no entanto, iniciaremos o estudo da mesma realidade mas agora desde a perspectiva feminina. O nosso ensejo é chegar a entender o significado do chamado «voto de virgindade» que Maria manifesta ao Anjo em Lc 1, 34, num contexto claramente matrimonial, uma vez que Ela estava já desposada com José².

Esse objectivo, porém, vai requerer de nós um passo prévio, que não nos pareceu necessário para o estudo do repúdio: a análise das fontes; a razão é simples: Lucas ao contrário de Mateus, afirma claramente no prólogo do seu Evangelho que se serviu de «fontes»³, não sen-

¹ Cf. Lc 1, 51. Cf. FERREIRA-MARTINS, J. M. - «Os motivos do repúdio de Maria por José: contributos para a teologia bíblica da indissolubilidade a partir de Mt. 1, 19. *Humanística e Teologia*, 15 (1994) p. 285-301.

² Cf. Lc. 1, 27.

³ «Uma vez que muitos -- *polloi* — tentaram colocar por ordem de narração dos acontecimentos — *pragma* — que entre nós se cumpriram, tal como no-los transmitiram aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e se dedicaram à Palavra, pareceu-me também a mim, investigando tudo desde o início, com todo o cuidado — *akribôs* — e por ordem, escrever-te, caris-